

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

OLIVIA DA SILVA PIRES

CONTRIBUIÇÕES DO ATO DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO LEITOR

MARINGÁ  
2011

OLIVIA DA SILVA PIRES

CONTRIBUIÇÕES DO ATO DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO LEITOR

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação da professora Heloisa Toshie Irie Saito, da Universidade Estadual de Maringá.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
MARINGÁ, 2011

CONTRIBUIÇÕES DO ATO DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO LEITOR

**PARECER DA BANCA EXAMINADORA**

ACADÊMICA: **OLIVIA DA SILVA PIRES**

DATA DA DEFESA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Trabalho apresentado nesta data ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá como requisito da disciplina 4728 - Trabalho de Conclusão de Curso, examinado pela Banca Examinadora composta pelos professores:

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Heloisa Toshie Irie Saito (Orientadora)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Angélica Olivo Francisco Lucas (Professor Convidado)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Regina Chicarelli (Professor Convidado)

PARECER CONCLUSIVO:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

*A Deus, por tudo que permitiu em minha vida, não só durante a vida acadêmica. Sou eternamente grata, e O reconheço em todos os momentos como o maior Mestre.*

*À minha mãe Cícera, que amo muito, pelo exemplo de vida.*

*À Minha Família, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.*

*Ao meu irmão Adilson e esposa Nancy, que tanto incentivaram, e por tudo que me ajudaram até hoje.*

*Aos meus sobrinhos Murilo e Ítalo, que me acompanharam e estimularam em momentos difíceis.*

*Aos meus amigos e amigas, minha segunda família, que fortaleceram os laços da igualdade, num ambiente fraterno e respeitoso, os quais jamais esquecerei.*

*À amiga Suzana, que em sua simplicidade e companheirismo, me entendeu em momentos difíceis, fazendo com que me sentisse melhor.*

*Ângela, Ana Paula, Amanda, Suely, Suzi e Vilma, pelo convívio, amizade, compreensão e estudos.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Heloisa Toshie Irie Saito,  
Exemplo de profissional,  
O apoio nas pesquisas realizadas.  
Agradeço aos colegas de curso, com quem caminhei esta longa jornada,  
Da qual já posso ver o final, com saudades,  
Mas com a certeza da vitória.*

## **EPIGRAFE**

*Grandes coisas fez o Senhor por nós;  
por isso estamos alegres” (Salmo 126:4)*

Olívia da Silva Pires. Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof. Heloisa Toshie Irie Saito.

**Resumo:** A contação de histórias é um dos meios mais antigos de interação humana, usada desde os primórdios da humanidade para, por meio da linguagem, transmitir conhecimentos, estimular a imaginação e a fantasia – necessidades basilares do homem - e empregada também para transmitir valores morais, além de disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura. Por meio das histórias, as pessoas galgam a oportunidade de se tornar leitores assíduos e competentes linguisticamente, além de poder caminhar por uma estrada infinita de descobertas e compreensão do mundo. Partindo destas pressuposições, o presente trabalho pretende analisar as contribuições do ato de contar histórias no espaço da educação infantil para a formação do futuro leitor, procurando mostrar como o pedagogo pode inserir a narração de histórias na sala de aula, a fim de desenvolver em seus alunos o interesse pela leitura, a apropriação da linguagem formal e a construção de conhecimentos. A pesquisa justifica-se a nível social, à medida que se vê na contação de histórias uma forma de humanizar as relações e formar laços, características que são passíveis de percepção ao se atentar para o interesse do homem em ouvir e contar histórias, caracterizando, assim, a busca de conhecimento; justifica-se, também, por contribuir para nossa formação acadêmica e profissional, uma vez que o foco de pesquisa está atrelado à relação professor e aluno, podendo auxiliar na reflexão da ação docente para a emancipação dos alunos. Diante dessas considerações, conclui-se que a contação de histórias é de grande importância, devendo ser valorizada e desenvolvida no meio escolar para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Educação Infantil. Leitor.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2. A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO HUMANA</b> .....	11
<b>3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	18
3.1 Simples Narrativa.....	23
3.2 O próprio livro.....	23
3.3 Com gravuras.....	24
3.4 Flanelógrafo.....	25
3.5 Imantógrafo.....	26
3.6 Quadro de pregas.....	26
3.7 Álbum seriado.....	26
3.8 Álbum sanfonado.....	27
3.9 Transparência.....	27
3.10 Mural didático.....	28
3.11 Cinema.....	28
3.12 Apresentação se slides.....	28
3.13 DVD.....	28
3.14 Dramatização.....	29
3.15 Teatro de sombra.....	29
3.16 Fantoche.....	30
3.17 Teatro de varas.....	31
3.18 Máscaras.....	31
3.19 Cartazes e quadros.....	32
3.20 Dobradura.....	32
3.21 História sequenciada.....	33
3.22Avental.....	33
3.23 Os contos que as caixas ontam.....	33
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	37



## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a importância do ato de contar histórias no espaço da educação infantil para a formação do futuro leitor. Acredita-se que esta seja uma atividade necessária e imprescindível no processo de desenvolvimento da criança, pois a contação de histórias auxilia na formação humana e, por isso, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança.

Deste modo, este artigo comenta como o ato de contar histórias na educação infantil favorece a aprendizagem e contribui para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, e a memória; tem a intenção de analisar como o professor pode inserir a narração de histórias na sala de aula, para que seus alunos desenvolvam o interesse pela leitura; tratar-se-á, também sobre a relevância da leitura no âmbito da Educação Infantil.

A escolha da temática se justifica por se tratar de um assunto que sempre interessou à autora deste trabalho. Quando a mesma ingressou no curso de Pedagogia, teve, no primeiro ano, a disciplina Literatura Infantil na Escola. Nessas aulas, havia a discussão textos que tratavam, além da Literatura Infantil, de algo muito presente na infância da autora, a saber: a contação de histórias.

A mãe da autora, apesar de escrever poucas palavras, narrava fatos de sua infância, e seu pai, um grande contador de histórias, fazia a leitura de algumas destas para as filhas. Ao ouvir estas histórias despertava-se o interesse de saber o que estava escrito naquele livro que seu pai tinha nas mãos, queria ir logo para escola, para aprender a ler e entender o que continha naquele livro.

Acredita-se que a contação de histórias é uma forma de humanizar as relações e formar laços, ações que percebe-se, por exemplo ao ver a presença das narrações em toda a história da humanidade, caracterizando a busca de conhecimento.

A contação de histórias é um dos meios mais antigos de interação humana usada por meio da linguagem para transmitir conhecimentos, estimular a imaginação, a fantasia, empregada também para trazer valores morais, disciplinar e desenvolver o interesse pela leitura. Para Coelho (1997), a história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (COELHO, 1997, p. 12)

Hoje, tem-se inúmeras obras dedicadas exclusivamente às crianças e profissionais envolvidos com esse maravilhoso mundo de imaginação e curiosidade, despertando interesse em pessoas de todas as idades.

Abramovich (2003) destaca a importância de a criança ouvir muitas histórias e comenta que esta ação é que formará o bom leitor, propiciando um caminho absolutamente infinito de descobrimento e compreensão do mundo. Segundo a referida autora a contação de histórias tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual. Quando a criança se interessa pela leitura, sua imaginação é estimulada, bem como o desenvolvimento comunicativo, na interação com o narrador, com os colegas e na interação sociocultural; ajuda, ainda, no seu desenvolvimento físico-motor, no seu esforço de ouvir e recontar as histórias para outras crianças.

Entende-se que essa atividade contribui para nossa formação acadêmica e profissional, uma vez que nosso foco de pesquisa, a contação de histórias, está atrelado à relação professor e aluno. É uma contribuição aos professores que não usam a contação de histórias como recurso pedagógico, para que possam repensar sua prática, buscando melhorar sua práxis para a emancipação de seus alunos.

Para a realização deste trabalho, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e fichamento das obras cujos autores discutem a contação de histórias como recurso que favorece o desenvolvimento da criança; entre alguns destes estão Abramovich (2003), Coelho (1997), Lajolo (1988), Zilberman (2005) e Oliveira (2009).

Em um primeiro momento, tratar-se-á do surgimento da literatura infantil e sua origem no Brasil. Abordar-se-á, também, a importância do ato de contar histórias para o desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social da criança, e como uma forma de entretenimento que atrai todas as idades, indispensável no contexto escolar.

Em seguida discutir-se-á o uso da narração de histórias no espaço da Educação Infantil e a importância do planejamento e execução dessa prática na rotina escolar para o desenvolvimento do indivíduo em formação. Far-se-á, também, a sugestão de recursos que poderão ser usados para auxiliar o professor no ato de contar histórias e aguçar a imaginação da criança.

## 2. A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO HUMANA

A fim de discorrer sobre a contribuição da literatura infantil na formação do futuro leitor, primeiramente é necessário conhecer as origens da literatura, e como esta passou a ser criada para o público infantil, como eram as primeiras narrativas até chegar aos dias atuais, com os diversos livros e recursos utilizados na literatura para crianças.

Segundo Coelho (2009) desde que o ser humano começou a usar sua inteligência para organizar as formas e situações enfrentadas no seu cotidiano ele foi estimulado a registrar, em algo durável e concreto suas experiências; desta forma materializa suas ações e ideias por meio da escrita. Nas artes das cavernas, de 12 ou 15 mil anos atrás, descobertas por arqueólogos, nota-se de maneira clara esse impulso, que levou o homem a se expressar através de uma forma realista e particular suas experiências de vida.

Ainda de acordo com Coelho (2009), o homem, desde as suas origens pré-históricas, procurou se comunicar ou marcar sua presença no mundo através de uma determinada escrita, ou seja, uma forma concreta de registrar sua fala e fazê-la perpetuar no tempo. Usava vários suportes físicos para registrar suas mensagens: pedras, tabuinhas de argila, peles de animais, o córtex das árvores, junco, chifres, todos materiais extraídos da natureza e com o auxílio do buril<sup>1</sup>. O “escritor” fazia riscos para transmitir seus pensamentos aos outros e a partir desta escrita rudimentar, a humanidade foi reorganizando o sistema de escrita, e evoluindo até chegar ao modo que hoje é conhecida, na forma de livros, em cujas páginas adquire corpo verbal, tornando acessível aos leitores.

Coelho (2009) discute também que o fenômeno literário, que é produto da imaginação criadora do homem, se caracteriza por uma duplicidade particular, simultaneamente concreto e abstrato. É abstrato porque é gerado por ideias, sentimentos, experiências de várias naturezas etc, e é concreto porque tais experiências só têm realidade efetiva quando nomeadas, isto é, transformadas em linguagem ou em palavras. Estas precisam ser registradas em algo que lhes dê o indispensável suporte físico para existirem como fenômeno, para se comunicarem com seu destinatário e também perdurarem no tempo.

---

<sup>1</sup> Segundo o dicionário Aurélio, buril significa: s.m. Cinzel de aço temperado para cortar metais e madeira, usado em trabalhos de gravura. / P. ext. Nome de vários instrumentos de aço com que se cortam metais ou se lavram pedras.

Neste sentido, acredita-se que, da mesma forma em que o homem buscava a comunicação em tempos remotos, continua buscando atualmente, porém em contexto e suas relações completamente diferentes.

A sociedade atual configura-se em um mundo em constantes transformações, sob a influência de países avançados. O Brasil pertence ao terceiro mundo e muitos são os desequilíbrios que definem a sociedade brasileira, não somente na área social, mas em vários ângulos. Ao mesmo tempo em que o mundo transforma-se, o ser humano também, e diante dessa realidade real e desafiante, torna-se necessário uma nova reflexão sobre a educação e o ensino. No entendimento de Coelho (2009 p.15) “[...] é nessa área que novos princípios ordenadores da sociedade serão definidos, equacionados e transmitidos a todos, para que uma nova civilização se construa [...]”.

Atualmente muitos são os debates e propostas na área educacional, principalmente em relação à língua e à literatura, em especial a literatura infantil. Coelho (2009) afirma que “alguns distraídos não perceberam que a verdadeira evolução de um povo se faz ao *nível da mente*, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância” (Coelho, 2009, p.15, grifo da autora). Ela ainda fala que o caminho para que se chegue a esse nível é a literatura, em especial a infantil, pois esta tem uma tarefa especial a cumprir nessa sociedade em constante transformação: a de auxiliar na formação, quer seja espontaneamente, quer por meio de mediação, em especial a mediação escolar.

Na visão de Coelho (2009), a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens é atribuída à palavra escrita. Justifica que, apesar dos indícios pessimistas acerca do futuro do livro (principalmente à literatura), nessa era de tecnologia, imagens e comunicação instantânea, a palavra literária está mais viva do que nunca e nenhuma forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite.

De acordo com a autora, por meio da literatura oral ou da literatura escrita foi transmitida por gerações a herança das tradições, que modificaram modos de vida, e trouxeram transformações pelos valores herdados. Essas mudanças se fazem necessárias também nos dias atuais e a literatura é o meio ideal para a formação de novas mentalidades.

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pela qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. *Literatura oral* ou *literatura escrita* foram as principais formas pelas quais recebemos a Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados (Coelho, 2009 p.16 grifo da autora).

Para Góes (2010), o narrar artístico do homem nasceu a partir do momento em que sentiu necessidade de procurar uma explicação qualquer para fatos que aconteciam em seu cotidiano e ao seu redor. E, como é sabido, na Antiguidade os homens não escreviam, eles conservavam suas lembranças na tradição oral. Porém, como a memória era falha, usavam a imaginação para supri-la. E da palavra viva e animada surgiu o mito, que é o primeiro estágio da arte de narrar, vinculado ao sobrenatural e à superstição; deste, por conseguinte, nasceu o conto.

Desde o princípio, a literatura esteve ligada à função essencial de atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades e as ações, e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos e vários sentimentos. É no encontro com a literatura (ou com a arte em geral) que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua própria experiência de vida, intensamente e incomparável a qualquer outra atividade. Neste contexto concorda-se com a autora, à medida que parte do pressuposto de que a literatura, em especial a infantil, tem papel eficaz no processo de desenvolvimento e formação sujeito:

A literatura em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2009, p.15).

Segundo Zilberman (2003) a literatura infantil surgiu na Europa, no final do século XVII e, durante o século XVIII, houve a preocupação com uma faixa etária diferente da dos adultos, com especificidades diferentes e próprias e com necessidade de formação específica. Essas mudanças ocorreram por conta da emergência de uma nova noção de família, centrada em um núcleo unicelular, com a preocupação de manter sua privacidade e estimular o afeto entre seus membros, constituindo então o novo modelo familiar burguês. Esta nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas também meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções, necessitando reformular a escola existente do período e, juntamente com ela, a recém-criada literatura infantil, que exercia um papel essencial nesta nova sociedade, o de criar novos hábitos e passar valores às crianças.

Como as crianças, no século XVIII, eram vistas como adultos em miniatura, os primeiros textos infantis foram resultado de adaptações de textos escritos para adultos com as necessárias correções de linguagem, das reflexões que estariam além da compreensão infantil,

retiradas as situações e os conflitos considerados não-exemplares, e dava-se ênfase às ações e situações de caráter aventureso ou exemplar. As obras eram reduzidas em seu valor intrínseco, buscando-se, porém, um novo objetivo, que era atrair o pequeno leitor/ouvinte e o levava a participar das diversas experiências que a vida pode proporcionar, no campo do real ou do maravilhoso.

Coelho (2009) afirma que a literatura foi usada, desde a sua origem, como instrumento de transmissão de valores, tendo em vista as particularidades da mente popular e infantil e entende que a linguagem poética era usada desde o início para transmitir padrões de pensamento ou de conduta às diferentes comunidades, já que os mesmos dificilmente poderiam ser compreendidos ou assimilados, principalmente se transmitidos em uma linguagem lógica, racionalizante e abstrata. Assim, a linguagem literária assume seu papel desde os primórdios da civilização, que é a linguagem da representação, linguagem imaginística como nenhuma outra tem a capacidade de concretizar o abstrato.

Coelho (2003) acredita que as particularidades da natureza da literatura e da literatura infantil são as mesmas da que se destinam aos adultos, tendo como diferença apenas a natureza do seu leitor/receptor: a criança, com linguagem adequada para esse público. Por esse motivo, concorda-se com Cunha (2006) a qual comenta que a literatura infantil, diferentemente da literatura para adultos, é mais abrangente, pois serve para qualquer idade.

O mesmo processo ocorrido na Europa aconteceu no Brasil. Segundo Lajolo (1988) a literatura infantil brasileira nasceu nas últimas décadas do século XIX, momento em que a circulação dos livros infantis era precária e irregular. De acordo com as autoras, a adaptação do modelo europeu chegava ao Brasil vinda por meio de Portugal e essas edições portuguesas, aos poucos, passaram a coexistir com as tentativas pioneiras de traduções nacionais como as de Carlos Jansen (“Contos seletos das Mil e uma noites”, “As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen”, “Robson Crusué”), que surgem no final do século, num esforço mais organizado de produção de obras infantis que, por consequência, começam a dispor de canais e estratégias mais regulares de circulação do público infantil.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2010) foi em 1808, com a implantação da Imprensa Régia, que se tem o início oficial da atividade editorial no Brasil e estréia a circulação de livros infantis, sendo que o primeiro momento da literatura infantil brasileira se caracteriza pela adaptação de livros europeus em versões abasileiradas de textos de Charles Perrault (1628 -1703); Os irmãos Grimm, Jacob (1785 - 1863) e Wilhelm (1786 - 1859); e

Hans Christian Andersen (1805 - 1875). Neste contexto, os primeiros livros destinados ao público infantil foram escritos por pedagogos e professores, com intuito educativo.

As autoras anteriormente mencionadas afirmam que no Brasil o surgimento da literatura infantil coincide com a abolição da escravatura e o advento da República. É neste momento que vários elementos convergem a elevar a imagem do Brasil como país de progresso e em processo de modernização. Com o crescimento e a diversificação urbana, a chegada de imigrantes às cidades e a extinção do trabalho escravo, a situação em que se encontra o país é a de um complexo aumento da zona urbana.

Segundo Cunha (2006), foi Monteiro Lobato que iniciou a literatura infantil no Brasil, com obras marcadamente pedagógicas e diversificadas em relação a gêneros e orientação. Em sua obra “O Sítio do Picapau Amarelo”, aparecem personagens adultas (Dona Benta e Tia Natácia) que orientam crianças (Pedrinho, Narizinho) e personagens ficcionais (Emília, Visconde de Sabugosa). Fez também trabalhos de exploração do folclore e imaginação, ora usando personagens da literatura infantil tradicional, ora personagens fictícios; “foi ainda um grande adaptador de contos de fadas e das obras de *Peter Pan* e *Pinóquio*” (Cunha 2006, p.24, grifo da autora). Segundo ela, nos escritos de Monteiro Lobato, observa-se grande questionamento e inquietação intelectual, preocupação com questões nacionais ou grandes problemas internacionais. Comenta que Lobato abriu caminho para grandes escritores, e, a partir disso tem aumentado gradativamente a literatura endereçada às crianças, trazendo grandes avanços. Porém, a autora acredita que apesar destes avanços, grande parte da produção literária infantil no Brasil ainda oferece preocupação pedagógica.

Na relação escola e literatura percebe-se que o senso comum empregado à literatura infantil é que ela tem objetivo didático, não sendo vista como arte, fazendo com que a criança não tenha prazer na leitura. Muitas vezes, torna-se uma atividade comprometida com a dominação da criança, trazendo problemáticas nas relações entre literatura e ensino, o que faz com que alguns jovens tenham aversão pela instrução por meio da arte literária. Por outro lado, observa-se a sala de aula como ambiente privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, o local de atuação e mediação do professor, sendo assim, um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, devendo ser considerada sua utilidade e importância no contexto escolar.

Em relação ao emprego da literatura, Batista (2007) fala a respeito de pesquisas realizadas por Amarilha (2007) quanto ao emprego da literatura na escola por parte dos professores. Esta pesquisa revela que a literatura é um gênero textual pouco empregado na escola (de 80 professores pesquisados, apenas 25% trabalham com literatura) e que este

resultado se dá por conta de que estes professores não consideram que a literatura traga conteúdo ou atividades significativas. Porém, todos os professores pesquisados reconhecem que quando as crianças entram em contato com a literatura, em especial a narrativa, apresentam grande interesse. Os professores desta pesquisa recorrem à literatura com a finalidade de acalmar as crianças, quando estas estão inquietas, e também para impor disciplina e silêncio, quanto estão muito agitadas.

A literatura infantil apresenta aspectos possíveis de serem dinamizados, entretanto, tem sido usada de forma inadequada no espaço escolar, tendo funções utilitárias, assumindo um papel de abordagem e controle sobre as crianças. Tal situação não deve acontecer de forma alguma, pois a literatura deve ser “arte” deve sempre ser estimulante, desafiadora e lúdica.

Desta forma, acredita-se que a literatura infantil é de suma importância, principalmente na mais tenra idade, lembrando que a responsabilidade do professor na Educação Infantil é de incentivar a leitura, pois a criança que tem contato com livro desde pequena terá maior oportunidade de se tornar um leitor assíduo por toda sua vida, usando a literatura com prazer - e não obrigação.

Deste modo, Zilberman (2003) afirma que é imprescindível e vital um redimensionamento na relação entre literatura e ensino, de modo que transforme a Literatura Infantil no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e o futuro leitor.

Conforme Coelho (2009), ao se falar “literatura infantil”, vem à nossa memória livros bonitos e coloridos, destinados à distração e ao prazer dos que os leem, folheiam ou os ouvem, em especial as crianças. Segundo ela, a literatura infantil, desde sua origem, esteve ligada à diversão ou ao aprendizado das crianças e seus conteúdos deveriam ser adequados à compreensão e ao interesse das crianças.

Em virtude dos fatos mencionados, acredita-se que a Literatura Infantil deva ser empregada no meio escolar não apenas com fim didático, ou como distração das crianças, mas como recurso significativo na aprendizagem e no desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social da criança, sem perder de vista o entretenimento que a mesma pode oferecer.

Acredita-se que a literatura infantil contribui para o desenvolvimento da afetividade, pois é uma prática construída socialmente e carece de estímulos para sua efetivação. Entendemos que a afetividade presente no espaço escolar faz com que a criança sinta vontade de estar neste ambiente, de aprender coisas novas e participar ativamente das atividades em grupo, respeitando o colega e contribuindo para seu desenvolvimento integral.



Desta forma, concorda-se com Abramovich (2003), no sentido de que o papel da contação de história é fundamental para o desenvolvimento intelectual. Quando a criança se interessa pela leitura, sua imaginação é estimulada bem como o desenvolvimento comunicativo, na interação com o narrador, com os colegas e na interação sociocultural; ajuda ainda, no seu desenvolvimento físico-motor, no seu esforço de ouvir e recontar as histórias para outras crianças. Acredita-se que o professor, como mediador na educação infantil, deva incentivar o aluno a ouvir e contar histórias, contribuindo para o desenvolvimento da criança.

Coelho (2009) acredita que a escola é hoje o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo e nesse espaço deverão ser privilegiados os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura de mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – indispensável para a plena realidade do ser. A autora defende a Literatura infantil como agente formador de uma nova mentalidade e conclui que o professor precisa estar sintonizado com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientado em três direções principais: da literatura, da realidade social que o cerca e da docência (como profissional competente).

Deste modo, acredita-se que literatura infantil contribui significativamente para a formação do sujeito e deve estar presente no cotidiano escolar. Trata-se de uma atitude utilizada a milhares de anos e que ainda desperta interesse em adultos e crianças, estimula a imaginação, favorece a aprendizagem e contribui para potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, e a memória. Por isso, deve ser estimulada o quanto antes, pois, fazendo o uso desta na educação infantil, haverá uma relação prazerosa das crianças com os livros o que, certamente, os tornará futuros leitores.

### 3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Após um breve debate sobre a origem da literatura infantil, sua relação com o ensino e com o processo de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano, abordar-se-á como ponto essencial a contação de histórias no espaço da educação infantil e a importância do planejamento e execução dessa prática na rotina escolar para o desenvolvimento do indivíduo em formação. Far-se-á, também, a sugestão de recursos que poderão ser usados para ajudar o professor na contação de histórias, a fim de aguçar a imaginação do ouvinte.

Atualmente a palavra narrada tem perdido seu espaço e os diversos meios de comunicação têm nos levado a nos distanciar dos livros. Segundo Jorge (2003), as novas tecnologias presentes em nossas vidas cotidianas e a pressa do dia a dia têm feito com que, infelizmente, a comunicação interpessoal fique cada vez mais superficial e ineficiente, deixando de ouvir o outro e os mais velhos; “Deixamos de nos emocionar com suas histórias, de compartilhar experiências e ideias” JORGE (2003, p. 96). Desta forma, torna-se difícil compartilhar, ouvir e trocar experiências, ou até mesmo contar um “causo”, pois se está sempre submetido ao mundo capitalista em que se deve a todo instante cumprir tarefas. Segundo essa autora, com a criança não é diferente, pois ela recebe várias informações através de meios de comunicação, por estar inserida neste contexto, ficando impossibilitada de ouvir, expressar-se, contar suas experiências e viver suas histórias.

Segundo Cunha (2006), quando se leva o livro à infância, pretende-se criar hábitos de leitura, empregando a literatura como forma de enriquecimento, pois, a leitura é uma forma ativa de lazer e exige um grau de consciência e atenção com a participação do leitor, diferente de outras formas de lazer que propiciam repouso e alienação. A referida autora afirma que é imprescindível que a escola procure desenvolver no aluno formas ativas de lazer, incentivando-o a tornar-se crítico, criativo, mais consciente e produtivo. Neste sentido, acredita-se que a literatura tem papel relevante neste aspecto, pois além de ser forma de lazer, auxilia no desenvolvimento do sujeito.

Entende-se que a palavra oral é essencial para o desenvolvimento da criança. De acordo com Jorge (2003), a palavra oral é fundamental para o desenvolvimento e construção do ser psicológico, social e cultural; porém, é pouco empregada e explorada nas famílias, escolas e em lugares por ela frequentados.

Conforme Jorge (2003), percebe-se nas escolas a dificuldade do uso da palavra narrada, por conta do ritmo acelerado e exigência das instituições escolares não permitirem um tempo diferenciado para que alunos e professores desfrutem dessa experiência. O autor

acrescenta que o uso inadequado das bibliotecas e salas de leitura com muitas regras e formalidades gera condições desfavoráveis à narrativa. Não é diferente a situação dos professores de educação infantil, os quais estão sobrecarregados com as atividades cotidianas, têm o compromisso de cumprir o currículo, somado com a responsabilidade de formar e educar crianças, devem realizar obrigações como atividades lúdicas, recreios, e tantos outros cuidados que o levam a deixar a prática da narrativa em segundo plano.

Neste sentido, concorda-se com o posicionamento que afirma que se deve refletir sobre a crise da narrativa no mundo contemporâneo e sobre o significado do ato de contar histórias. Diante destas afirmações, torna-se indispensável rever a importância da literatura infantil para reintegrá-la de forma dinâmica e criativa no cotidiano escolar. Assim, acredita-se que o professor deva reconstruir e organizar suas práticas, para possibilitar aos seus alunos essa experiência maravilhosa, ajustada às condições do mundo contemporâneo.

É fundamental que a criança possa vivenciar a palavra e a escuta em todas as suas possibilidades, explorando diferentes linguagens, capturando-as e apropriando-se do mundo que a cerca, para que este se desvele diante dela e se torne fonte de interesse vivo e permanente, fonte de curiosidade, de espantos de desejos e descobertas, numa dinâmica em que ela se socialize e se manifeste de forma ativa, cri(ativa), (particip)ativa em qualquer situação, não apenas “recebendo” passivamente, mas produzindo e (re)produzindo cultura (JORGE, 2003, p.97).

Desta forma, segundo Jorge (2003), a narrativa compartilhada entre crianças e professor estimulará o prazer de contar, ouvir, ler e criar novas histórias de forma lúdica e interativa, renovando o conhecimento, no âmbito subjetivo, em aspectos objetivos e de socialização. Neste sentido, o educador deve criar formas significativas e expressivas de comunicação com a criança através do ato de contar, ler e de ouvir histórias, possibilitando que a criança encontre significados para sua própria existência.

Battaglia (2003) fala da urgência de a escola repensar o papel atribuído à literatura dentro de seus projetos pedagógicos, pois se vive em uma sociedade que valoriza a velocidade, a informação, o temporário e o descartável e assim a experiência com a literatura é desvalorizada. A autora fala que é necessário alargar e diversificar as oportunidades de conhecimento do mundo, oportunizando vivências que façam as crianças apropriarem-se de suas histórias de vida.

Ainda de acordo com Battaglia (2003), em uma época de mudanças extraordinariamente rápidas em que se vive, a literatura tem papel fundamental na reformulação de valores e na conscientização das crianças que são seres em formação, preservando princípios éticos e respeito aos direitos humanos. E neste processo cabe ao

professor o papel fundamental de mediação entre a criança e a literatura, incumbindo a ele o compromisso do estudo, da reflexão, do conhecimento das obras infantis e de seus critérios de seleção, pois é da sua formação pessoal como leitor que dará vida ao texto “preenchendo suas lacunas com a própria existência” (Bataglia, 2003).

Leitor que relaciona com a literatura pela via do prazer estético e como exercício de vida. Leitor que, sendo educador, apresenta a literatura para as crianças como brincadeira levada a sério, uma brincadeira que, partindo da palavra acontece “dentro da cabeça”, pondo em ação o corpo, a razão e a sensibilidade, numa relação plena do ato de conhecer. (BATTAGLIA, 2003, p.118).

Na concepção da autora, a literatura está aí para ser lida e, como leitura, ser vivida. Para que essa vivência não se perca, o professor tem papel fundamental na mediação entre a criança e a literatura. Neste sentido, acredita-se que cabe ao professor incluí-la em seu planejamento, pois ele que traçará os passos iniciais no espaço escolar, incentivando e aguçando a curiosidade das crianças e contribuindo para desenvolver o hábito da leitura na criança.

De acordo com Schimidt, Marques e Costa (2003), muitos adultos e adolescentes apresentam dificuldade de compreensão e/ou reprodução de textos, embora tenham muitos anos de escolarização e, assim, afirmam que é necessária uma revisão dos objetivos de alfabetização, visando contribuir para a formação de leitores e escritores competentes, sendo uma tarefa especialmente reservada aos professores.

No contexto da educação infantil acredita-se que a linguagem oral é de suma importância e fundamental para o desenvolvimento psicológico, social e cultural da criança, pois é através das relações pessoais que a criança se desenvolve, e tem sua inserção e participação nas práticas sociais. Segundo Schimidt, Marques e Costa (2003), a linguagem oral é a que tem maior importância, pois é o instrumento mais utilizado neste nível de escolarização, já que as crianças nesta idade não leem e não escrevem. É por meio da linguagem oral que o adulto possibilita o contato da criança com os textos, ao ler para ela, ao conversar sobre os textos lidos.

Segundo essas autoras, a oralidade deve trabalhar dois pontos importantes: a própria comunicação que estabelece com base na linguagem que a criança já domina, ou seja, quando a criança entra na escola, já é capaz de dialogar, narrar fatos e histórias, brincar com colegas e adultos, pedir ajuda etc; e o uso da linguagem como um importante mediador do conhecimento letrado, visto que a escola de educação infantil para crianças de famílias pouco escolarizadas talvez seja a mais importante instituição no sentido de ter acesso ao mundo

letrado. Por este motivo, o professor deve conhecer e valorizar a linguagem que a criança traz, e a partir dela orientá-la e ensiná-la a forma correta.

De acordo com Oliveira (2009) o hábito de ler, deve começar nos primeiros anos de vida da criança e mesmo antes desta ingressar na escola. Contudo, percebe-se que a criança de hoje se sente cada vez mais desestimulada à leitura, devido às várias tecnologias que usam no seu dia a dia, entre estas a televisão, o computador e o videogame que, além de alienar, pode prejudicar o desempenho e a criatividade da criança.

Pais e educadores devem tomar consciência da urgência da necessidade de promover o interesse da criança pela leitura, o que, além de reduzir seu tempo em frente à televisão, e que dará uma bagagem muito maior de conhecimento e poderá estimular a imaginação e a criatividade.

Neste sentido, Oliveira (2009) afirma que a sala de aula é um lugar privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura e um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, sendo um espaço que poderá ser o berço de futuros autores, escritores e artistas. Se os educadores fizerem da literatura infantil um momento de lazer, de modo que o aluno sinta prazer em ler uma história, não como uma tarefa a mais para cumprir, estarão colaborando para o seu desenvolvimento integral. O professor poderá levar a criança a se interessar pelo tema da leitura através de canções, expressão corporal, dança, observação, contato com a realidade.

De acordo com Oliveira (2009), a literatura infantil é um dos suportes básicos para o desenvolvimento do processo criativo da criança, pois ela oferece ao leitor uma bagagem de conhecimentos e informações capazes de provocar uma ação criadora, proporcionando também novas experiências e o desenvolvimento de suas fantasias e criatividade.

O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos à preocupação com os objetivos do trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste de Literatura infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado pela Literatura Infantil, provavelmente, os alunos se apaixonarão também. Para ler um texto de Literatura Infantil é preciso ter o coração de criança. Muitas vezes lemos uma história e não gostamos, uma criança lê a mesma história e fica encantada. Isso pode acontecer porque lemos com a cabeça de adulto (OLIVEIRA, 2009, p.15).

O presente estudo defende que, antes de trabalhar o texto com os alunos, o professor precisa ler e gostar da história, planejar como motivará os alunos a ouvi-la e contá-la com entusiasmo para então despertar neles o gosto e interesse pela leitura. Oliveira (2009) considera que o mais importante ao contar uma história é o envolvimento da criança e, que, a

criança quando se identifica com alguma parte da narrativa, ela deve ter espaço para falar de sua experiência relacionada à história, pois, quando há identificação, a criança ouve com mais interesse e atenção.

A autora comenta também que há muitas maneiras de se avaliar um conteúdo de literatura. O professor deve acompanhar a leitura no sentido de esclarecer dúvidas ou a compreensão do texto, ou ainda selecionar os livros mais adequados à biblioteca da sala, de acordo com a idade dos alunos. Segundo Magdaleno (2002), nos dias atuais é dever do professor garantir o direito das crianças, a de usufruir dos prazeres que as histórias proporcionam para isso é preciso primeiro criar o hábito e o gosto pela leitura, para só então proporcionar momentos em que a leitura valha por ela mesma, por tudo que ela proporciona.

Acredita-se que contar histórias é uma experiência significativa tanto para quem conta quanto quem ouve, mas, infelizmente, empregado por poucos professores. Sobre o uso da literatura, Oliveira (2009) afirma que se o educador for um profissional comprometido não apenas com o conteúdo a ser trabalhado, mas também com sua qualidade, seguramente estará contribuindo para que o aluno de amanhã seja mais consciente na luta pela transformação da educação e da sociedade como um todo, a fim de que haja mais justiça e igualdade de direitos para todos.

De acordo com Silva, Costa e Mello (2009), contar histórias é uma tarefa importante na educação infantil e a narrativa para crianças pequenas envolve todas as oportunidades de interação que a mesma tem com seu mundo de imaginação, sendo que o ouvir e ler histórias de diferentes modos oportuniza apreender melhor a realidade. Assim, o professor deve perceber se as histórias estão instruindo, comovendo e agradando, pois, ao contar histórias, deve saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar. Dessa forma acredita-se que o livro é um dos principais meios de mediação de uma história e que todos devem ter acesso a eles.

Saito (2011) afirma que a literatura infantil deve proporcionar aprendizagens, vivências e emoções, favorecendo o desenvolvimento completo e emancipatório do ser humano. Neste sentido, as ações que empregam a literatura infantil precisam ser sistematizadas, tornando-se uma grande aliada no processo escolar.

Dessa forma acredita-se que todas as atividades educativas devam ser planejadas. Aqui, neste trabalho, evidencia-se a literatura infantil no espaço escolar. Ostetto (2000) afirma que o planejamento deve ser assumido como um processo de reflexão, de intencionalidade. Por envolver todas as situações e ações do educador, deve ser uma atitude crítica do trabalho docente e, para tanto, o planejamento não deve ser como uma forma pronta e acabada, mas

flexível, para que o educador possa repensar sua prática, revisando, buscando novos caminhos para sua prática pedagógica

O educador ao contar histórias, pode também variar na escolha de recursos e, mesmo que não seja um exímio contador de histórias, o uso desses recursos poderá facilitar e transformá-lo em um artista de dotes especiais e um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo o texto às crianças.

Acredita-se que o professor ao contar histórias, além de planejar, ler, gostar da história e fazer opção pela melhor história para a faixa etária de seus ouvintes, possa usar diferentes recursos para contar com mais entusiasmo e despertar em seus alunos o gosto pela leitura. Deste modo, apoiados em Oliveira (2009) e Coelho (1991), far-se-á algumas sugestões de recursos como fator enriquecedor do ato de contar histórias.

### **3.1 Simples Narrativa**

É uma das mais fascinantes de todas as formas de contar histórias, antiga, tradicional e uma autêntica expressão do contador de histórias. Processa-se apenas por meio da voz do contador e de sua postura, não requerendo acessórios, pois, com as mãos livres, sua força se concentra na expressão corporal. “É a maneira ideal para contar uma história e a que mais contribui para estimular a criatividade” (COELHO, 1991, p.32). Segundo essa autora, a utilização de ilustrações em determinadas histórias podem desviar a atenção dos ouvintes, que deve fixar-se no narrador, para não perder o encantamento da história.

### **3.2 O próprio livro**

O professor poderá fazer uso do livro para mostrar imagens, chamar a atenção de algum detalhe da história, ler uma frase, até mesmo levantar hipóteses sobre o que irá acontecer. De acordo com Coelho (1991), existem textos que indispensavelmente requerem a apresentação do livro, pois a ilustração o complementa, mostrando-se tão rica quanto o texto. Porém, convém lembrar que se for um livro de pouco texto e de ilustrações abundantes, o professor deve narrar quase textualmente, com certas alterações na linguagem, indo desde variações de entonação até imitações típicas de determinados personagens, com o intuito de melhor caracterizá-los e, assim, envolver as crianças. É importante, também, promover o diálogo, conversando com os alunos no decorrer da história, promovendo a interação, pois segundo a autora, é este o momento ideal para atribuir às palavras um significado concreto,

real, extinguir preconceitos, e ideias falsas, aproveitando todas as oportunidades para ajudar as crianças a crescer e pensar.



Fonte: Arquivo pessoal

### 3.3 Com gravuras

Alguns livros de formato pequeno, de ilustrações que antecipam acontecimentos ou não se correspondem com o texto, histórias em revistas ao lado de outras matérias e anúncios diversos inviabilizam a utilização do livro como recurso ilustrativo. Dessa forma aconselha-se que as gravuras sejam reproduzidas e ampliadas em papel resistente, visíveis para o grupo de ouvintes e, no caso de revistas, as cenas poderão ser recortadas e montadas em quadrados ou retângulos de cartolina, duplo, complementando-se se necessário para obter um visual mais bonito, considerando sempre os elementos essenciais da história.

Coelho (1991) lembra que as gravuras favorecem sobretudo, as crianças pequenas, e permitem que observem detalhes e contribuem para a organização do seu pensamento, facilitando, mais tarde a identificação da ideia central, dos fatos principais ou secundários.





Fonte: arquivo pessoal<sup>2</sup>

### 3.4 Flanelógrafo

Nas histórias em que o personagem central entra e sai de cena, movimentando-se durante o enredo, Coelho (1991) afirma que o ideal é o uso do flanelógrafo. As gravuras devem ser desenhadas, ampliadas ou pintadas em papel grosso, recortadas e no verso pode ser colado velcro, lixa grossa, palha de aço fina, tiras de fita dupla face, areia fina ou qualquer material que mantenha a gravura presa à flanela, que é a base do flanelógrafo.

De acordo com Oliveira (2009), não é todo o texto que se adapta ao flanelógrafo; é preciso que o enredo e os personagens sejam bem destacados, a história deve ser contada progressivamente e as crianças também poderão manipular as figuras para contar ou recontar a história.

Segundo Coelho (1991) o uso do flanelógrafo não deve ser confundido com a apresentação de gravuras, são situações distintas para histórias diferentes. Na gravura a cena é reproduzida e no flanelógrafo, cada personagem é colocado individualmente, ocupando seu lugar no quadro, o que dá ideia de movimento.

Vale ressaltar que usar o flanelógrafo não é tomar qualquer gravura, reproduzi-la fixar um pedaço de lixa no verso e colocá-la no quadro de flanela, pois o importante nessa técnica é a ação do personagem principal, num movimento constante (Coelho, 1991).

---

<sup>2</sup> Todas as fotos utilizadas do arquivo pessoal ao longo deste capítulo foram atividades realizadas com alunos no Instituto de Educação Estadual de Maringá, durante uma oficina: Contribuições da arte de narrar histórias no desenvolvimento da criança, no SEMEA ocorrido em novembro de 2010, numa disciplina intitulada Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio-Modalidade Normal, ministrada pela professora Heloisa Toshie Irie Saito, tendo como palestrante as alunas: Amanda Moreira de Carvalho, Olivia da Silva Pires e Suely Gabiatti Celini.



Fonte: arquivo pessoal

### 3.5 Imantógrafo

É um recurso de apresentação progressiva. No verso das figuras devem ser fixados pequenos ímãs para serem colocados em uma placa de zinco ou latão no decorrer da contação de história.



Fonte: <http://ceforpe.blogspot.com/2011/04/curso-de-contacao-de-historia-em-sp.html>

### 3.6 Quadro de pregas

O quadro de pregas é confeccionado em papel grosso ou cartolina. Suas pregas deverão ter aproximadamente 5 a 7 centímetros; as gravuras poderão ser as mesmas feitas para o flanelógrafo, apenas acrescentando na base 5 a 7 centímetros de cartolina, para que se encaixe nas pregas do quadro.

### 3.7 Álbum seriado

As imagens da história devem ser pintadas ou desenhadas em folhas de papel; quanto maior as ilustrações, melhor será a visibilidade da criança. O ideal para crianças pequenas é o uso do papel do tamanho de uma folha de cartolina.

Os cartazes devem ser presos formando um bloco e a parte superior deve ser reforçada com uma fita forte; nessa fita, deve-se fazer alguns orifícios para unir os cartazes com anéis, cordão ou madeira.

O álbum seriado é um recurso que as crianças gostam muito, pois o professor pode criar uma situação de suspense, expectativa e envolvimento.



Fonte: arquivo pessoal

### 3.8 Álbum sanfonado

É parecido com o álbum seriado, mas, ao invés de virar as folhas para trás, as partes são desdobradas. É feito com papel cartão e dobrado em forma de sanfona; suas partes são ligadas com fita adesiva, ou fita de tecido.



Fonte: <http://cantinholudicodagre.blogspot.com/2008/05/histria-da-escrita.html>

### 3.9 Transparência

Conforme a história é contada, as figuras desenhadas na transparência devem ser projetadas no retroprojeter. Oliveira (2009) afirma que, dependendo da história, os personagens se movimentam dentro da mesma; ela sugere, então, que num segundo momento os alunos também possam recontar a história, podendo também ocorrer o inverso: o professor projeta e os alunos criam sua própria história e, posteriormente, o professor conta a sua versão.

### **3.10 Mural didático**

Sua base poderá ser feita em cartolina, ou outro material semelhante. É importante que esteja colocado em uma altura de fácil visualização para o público. A história pode ser montada e as gravuras serem cobertas e, aos poucos, no decorrer da história, o professor vai revelando-as, de acordo com a sequência da história.

Este recurso pode ser usado pela criança para contar a sua história. A classe também pode organizar um mural a partir de um texto lido, da continuação de uma história trabalhada em sala de aula, ou uma criação de uma história a partir de um texto lido.

### **3.11 Cinema**

Antigo e simples, este é um recurso que desperta o interesse e a curiosidade de todos, pois a história aparece em pequenos pedaços. É importante que os desenhos sejam sequenciados, como outros recursos de apresentação progressiva aqui propostos.

As cenas deverão ser mostradas aos poucos para a plateia, criando expectativa e envolvimento com a história. De acordo com Oliveira (2009), este recurso, como outros, permite que o professor pare em uma das cenas e introduza outros recursos, como cantos, expressão corporal, mímica, etc.

### **3.12 Apresentações em slides (*Powerpoint*)**

Este é um recurso de grande interesse do aluno, pois existem vários textos acompanhados de imagens. Deve ser planejado como todos os outros. As imagens poderão ser projetadas como estímulo, antes, durante, ou no fim da leitura do texto.

### **3.13 DVD**

Nos ambientes em que é possível a utilização, o DVD é mais um recurso que pode ajudar o professor na contação de histórias. Em sua utilização, é importante que o professor previamente prepare os alunos e a sala, e programe atividades posteriores, de modo que este recurso propicie aprendizagem significativa.

### 3.14 Dramatização

De acordo com Oliveira (2009) é possível a adaptação das histórias infantis para representação de seu texto para o teatro; assim, as crianças assumem o papel dos personagens e os representam. Dependendo dos recursos da escola, as crianças poderão usar fantasia, máscaras e diversos objetos para representação do teatro. Ainda destaca que a história não deve ser elaborada pelo professor e dada pronta para ser “decorada”; antes, será muito mais enriquecedor se as crianças participarem de todo o processo.

Porém, o importante, ressalta a autora, é que “a crianças (o aluno) assimile a mensagem transmitida pela história e verbalize seu conteúdo, usando a linguagem oral e gestual”(Oliveira, 2009, p.25).



Fonte: <http://centrocomunitariocarcavelos.blogspot.com/2008/06/atelier-de-teatro-para-crianas-de.html>

### 3.15 Teatro de sombra

Recurso simples e interessante: uma cortina transparente e esticada no frente do público e uma luz, que deve ser acesa atrás da cortina, de forma que os personagens sejam projetados nela. De acordo com Oliveira (2009), é possível também o uso de uma caixa com papel vegetal; assim, projetam-se nela os personagens feitos de cartolina ou cartão preto, presos ou não com uma vareta.



Fonte: <http://aprontandouma.blogspot.com/2010/11/aprontando-uma-tem-mais-um-programa.html>

### 3.16 Fantoche

Esse é um recurso que desperta muito interesse nas crianças. De acordo com Oliveira (2009), os fantoches também poderão ser produzidos pelos alunos para representação da história, e após o planejamento e execução dos bonecos, confeccionados com massa, meia ou sucata (de acordo com a escolha dos alunos), a apresentação se fará da melhor forma.

Essa autora faz menção a alguns tipos de fantoches que poderão ser utilizados como: fantoche de mão (em que a mão poderá ser pintada de acordo com o personagem, colocar fios de lã sobre os dedos como se fossem cabelos), fantoche feito com meia, fantoche com saco de papel, fantoche feito de tecido e fantoche de dedos.



Fonte: arquivo pessoal



Fonte: arquivo pessoal

### 3.17 Teatro de varas

Neste recurso, os personagens são feitos em cartolina e fixados em uma vareta; um biombo em papelão poderá ser montado pelos alunos e por trás dele, a peça é representada com os movimentos da vara, de acordo com a sequência da história.



Fonte: arquivo pessoal

### 3.18 Máscaras

São fáceis de fazer, baratas e substituem, tranquilamente, figurinos; um excelente recurso, que pode ser confeccionado com papel, sacos de papel ou tecido.



Fonte: [http://mario-zinni.blogspot.com/2010\\_05\\_01\\_archive.html](http://mario-zinni.blogspot.com/2010_05_01_archive.html)

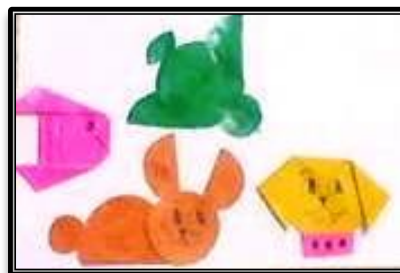
### 3.19 Cartazes e quadros

A história lida poderá ser representada com desenhos dos alunos, em forma de álbum seriado, em forma de cartazes, ou em forma de quadros, que poderão ser colocados na parede à medida que a história for contada. De acordo com Oliveira (2009), desenhar ou fazer colagens é uma atividade que desperta o interesse e a criatividade e os alunos gostam muito.

O professor poderá sugerir aos alunos que tragam palavras, letras e imagens recortadas relacionados à história e, a partir dos recortes, a criança poderá formar frases relacionadas com a história ou até mesmo montar uma história diferente.

### 3.20 Dobradura

O professor deve contar uma história que apresente condições para representação em dobraduras, tais como peixe, barco, sapo, cão, gato, chapéu, flores etc. Assim, cada aluno poderá escolher uma história, falar o porquê de tê-la escolhido, fazer a dobradura, que poderá ser colada em uma folha de papel sulfite, e completar o cenário de sua história.



Fonte: arquivo pessoal



### 3.21 História sequenciada

Este é um excelente recurso para ajudar a criança a expressar-se oralmente, como também organizar seu pensamento, assim o professor poderá contar a história em sequência e posteriormente o aluno terá a oportunidade de montar sua própria sequência.

### 3.22 Avental

O avental poderá ser usado como cenário da história. Ele ser feito de feltro para que as figuras, coladas velcro no verso, sejam fixadas.

Os personagens também poderão ser colocados no bolso do avental e serem retirados no transcorrer da história.

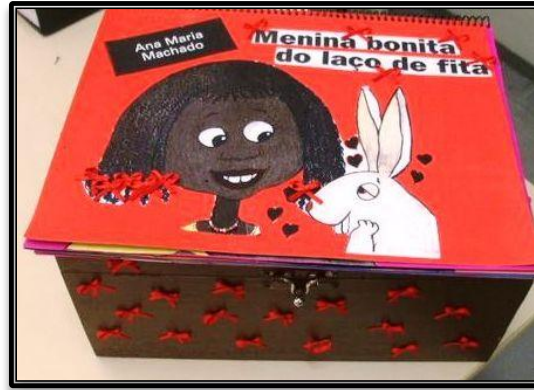


Fonte: <http://www.elo7.com.br/aventail-contacao-de-historias/dp/42833>

### 3.23 Os contos que as caixas contam

Este é mais um recurso ao qual o professor poderá recorrer para contar histórias. As caixas podem ser grandes ou pequenas, quadradas ou redondas; os personagens poderão ser colocados dentro da caixa e, conforme o professor narra a história, ele são retirados da caixa, trazendo encantamento, suspense e diversão para os ouvintes.

Para produzi-las, é preciso buscar papéis coloridos, colar retalhos de tecidos, plásticos, espelhos, sementes, material reciclável; desta forma o professor poderá montar um cenário dentro da caixa, o palco das ações de uma história, poderá também montar uma caixa surpresa, com objetos interessantes, feitos para serem manuseados pelos alunos enquanto a história é contada.



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=26965>

De acordo com Oliveira (2009), o mais importante ao contar a história é o envolvimento da criança. Quando ela se identifica com alguma parte da narrativa, deve ser dado espaço a ela para falar de suas experiências relacionadas à história. Portanto, acredita-se que os recursos sugeridos farão com que os alunos participem mais e com prazer desta atividade, aproximando-os da literatura. Sempre que possível é importante que o professor relacione a história com diversos assuntos, propiciando, além do desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo, situações que favoreçam o letramento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, considera-se que a contação de histórias é de suma importância na educação infantil, para que os pequenos leitores se tornem leitores mais competentes. Acredita-se que é necessário que a prática da contação de histórias ocorra desde a mais tenra idade, e deva ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo.

Por esse motivo, a literatura infantil tem papel primordial no desenvolvimento do indivíduo, possibilitando-o ter a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua experiência de vida.

Desta forma, defende-se que a literatura infantil no contexto escolar deve servir não somente como meio didático, para distração ou para aquietar as crianças, mas também como recurso significativo na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, pois muitos são os atrativos tecnológicos que levam os alunos a se distanciarem do prazer da leitura, trazendo alienação. A literatura neste sentido contribuirá para aquisição de conhecimento do aluno, pois, acredita-se que a partir do momento em que a literatura infantil é apresentada no contexto escolar, passa a ter função pedagógica e não apenas fruição.

Entende-se que o professor deva proporcionar momentos em que os alunos sintam prazer ao estar em contato com a literatura. Por isso, ele deve planejar, organizar, construir e se necessário reconstruir suas práticas para que os resultados sejam significativos, deste modo o aluno, terá uma bagagem maior de conhecimento, e o professor perceberá nitidamente o enriquecimento de seu discípulo.

Sendo assim, ressalta-se o papel fundamental do professor no desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil, pois será aquele que fará a mediação entre a criança e a literatura e fará com que o interesse da leitura seja despertado no aluno, para que o mesmo faça uso da leitura espontaneamente e criticamente. Assim, o professor, ao fazer o uso da contação de histórias, deve estar atento se a idade das crianças é compatível com a história, se o ambiente está organizado adequadamente, deve perceber se há interesse pela história escolhida e também quais recursos poderão despertar a imaginação e o interesse da criança.

Dentro desta ação que deve ser cuidadosa, defende-se o uso de recursos no ato de narrar histórias de forma dinâmica e criativa, para facilitar e enriquecer esse momento maravilhoso e encantador, pois percebe-se que o uso adequado dos recursos no ato de contar histórias enriquece a história e desperta a imaginação de quem a escuta.

Desta forma, retomam-se as ideias de Bataglia (2003) que pressupõe que a escola deva repensar o papel atribuído à literatura dentro de seus projetos pedagógicos, pois se vive em uma sociedade que valoriza a velocidade, a informação, o temporário e o descartável e muitas vezes a experiência de vida e afetividade são desvalorizadas. Por este motivo, defende que é necessário alargar e diversificar as oportunidades de conhecimento do mundo, oportunizando vivências que façam com que as crianças apropriem-se de suas histórias de vida.

Por fim, acredita-se que o emprego da literatura, especificamente no que diz respeito ao espaço da educação infantil, deve ser uma atividade que propicie sentimentos, emoções e aprendizagem, necessitando de uma ação sistematizada e planejada, para promover o desenvolvimento integral da criança, tornando o indivíduo crítico, criativo, consciente e produtivo.

## 5. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003.
- BATISTA, Cleide Vitor Mussini. “Hora do conto: um espaço para brincar com as palavras”. *In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado. (org) Trabalho Pedagógico na Educação Infantil*. Londrina: Humanidades. 20017. p. 105-120.
- BATTAGLIA, Stela Maris Fazio. “A Criança e a Literatura”. *In: DIAS, Marina Célia Moraes M. & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2009.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 2006.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura para Crianças e Jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- JORGE, L. S. “Roda de histórias: a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias”. *In: DIAS, Marina Célia Moraes M. & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (Orgs). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas, SP: Papyrus, 2003
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. São Paulo: Global, 1988.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira: História e Histórias**. São Paulo: Ática, 2010.
- MAGDALENO, Alessandra Barbosa. “Por encanto, contando contos... Histórias de um projeto de trabalho”. *In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Encontros e Encantamentos na Educação Infantil*. São Paulo: Papyrus, 2002.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em Literatura Infantil**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SAITO, Heloísa Toshie Irie. *Literatura infantil e educação infantil: limites e possibilidades no trabalho pedagógico*.??????(2011).
- SILVA, Lésia M. Fernandes; COSTA Edna Aparecida da; MELLO Ana Maria. “Os contos que as caixas contam”. 8ª edição. *In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde e col. (orgs.). Os Fazeres na Educação Infantil*. 11ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.